

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MAURÍCIO CASIRAGHI/DIVULGAÇÃO/JC

ARTES CÊNICAS

A potência do teatro de formas animadas



Peça *Maria Peçonha* faz turnê com apresentações gratuitas pelo Estado

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

A trajetória da Cia Gente Falante é um testemunho da potência do teatro de formas animadas em transpor fronteiras geográficas e poéticas. Fundada em Salvador (BA), em 1991, pelo ator-bonequeiro Paulo Martins Fontes e consolidada no Rio Grande do Sul há 29 anos, a companhia já circulou por todas as capitais brasileiras, percorreu países como Argentina, Uruguai e Paraguai, e fez incursões pela Espanha. Agora, a turma comemora 35 anos de atividades com uma turnê do espetáculo infantojuvenil *Maria Peçonha*, que contará com 16 apresentações gratuitas em Porto Alegre e Região Metropolitana.

Após a abertura do giro em Gravataí, nesta terça-feira, a temporada na cidade se estende até sexta-feira, sempre às 10h e às 15h, no Cineteatro Municipal de Gravataí (rua Itacolomi, 3600). Na Capital, a peça acontece de 14 a 17 de abril, nos mesmos horários, no Teatro do Goethe-Institut (Rua 24 de Outubro, 112). Os ingressos serão disponibilizados nas bilheteiras locais para o público em geral. Escolas e instituições sociais podem se inscrever por e-mail (mariapeconha.espetaculo@gmail.com). O projeto também aposta na acessibilidade, oferecendo sessões com au-

diodescrição e tradução para Libras nos dias 10 (Gravataí) e 17 (Porto Alegre), às 15h.

De acordo com Fontes, a atual turnê é apenas uma das faces da celebração de 2026, que já incluiu apresentações recentes de teatro lambe-lambe em três cidades do Interior do Estado via Sesc/RS. O artista afirma que este momento sintetiza “um DNA que se manteve intacto”: “Nossa fala é sempre cheia de camadas muito sutis, que abordam a delicadeza da relação com o outro; de como podemos alçar voos na nossa dramaturgia para colaborar com a sociedade contemporânea, para que as pessoas se tornem mais conscientes sobre si, sobre a relação com os outros e com a natureza.”

Segundo o bonequeiro, *Maria Peçonha* foi o espetáculo escolhido para a turnê por conta de sua linguagem inovadora e, também, pela visibilidade alcançada após vencer (em 2024) sete categorias do Prêmio Tibicuera de Teatro Infantojuvenil. A montagem utiliza oito recursos distintos: bonecos de luva francesa, boneco de vara, boneco manipulação à vista, boneco de balcão, teatro de objetos, sombras, narração e animações digitais. “O grande diferencial é a hibridização com o cinema de animação digital, que gera um impacto visual imediato. Em alguns momentos, a personagem sai da tela para o tridimensional



e essa imagem descortinada na tela surpreende”, comenta Fontes, que assina a direção artística da montagem. “Em uma das cenas, a protagonista vem a cavalo se aproximando da tela e, de repente, o cavalo desmonta saindo da tela para a cena, usando o ângulo frontal como cenografia”, detalha. No palco, Fontes divide a manipulação de bonecos com Eduardo Custódio, enquanto Maria Carolina Aquino narra a história da protagonista Maria Flor. A narrativa gira em torno de uma menina que faz florescer o que toca, mas que, diante de situações abusivas e da falta de acolhimento, acaba tornando-se a “bruxa dos pampas”.

Essa transição da personagem ressoa profundamente com a experiência de vida de Paulo Fontes, de acordo com o próprio artista. Vindo de Salvador para uma “região desconhecida” há quase três décadas (após deixar para trás a carreira na Publicidade ao encontrar “solo fértil para a arte” no Estado, em sua passagem

pelo Festival de Canela, em 1997), logo que chegou no Rio Grande do Sul ele passou a trabalhar como aderecista e bonequeiro para outras companhias, até formar a dupla com Custódio, cujos traquejos de produção permitiram que a trupe percorresse o Brasil, o Mercosul e de Norte a Sul da Espanha.

“A obra remete à minha situação de origem e minha transição para o Rio Grande do Sul. Temos a proposta de renovar o olhar das pessoas em relação ao forasteiro que chega. É sempre difícil o olhar do outro inicialmente, e Maria Peçonha se torna uma pessoa não afeita aos demais por não se sentir acolhida em seu potencial”, revela. A peça, baseada no livro do pernambucano André Neves, trata de temas densos como exclusão, *bullying* e o cuidado com um planeta que, nas palavras de Fontes, está “desgovernado”. “Vivenciamos tão perto disso com as enchentes; por isso, oferecer sessões gratuitas é oportunizar o acesso a quem não tem meios cul-

turais para discutir de forma poética sobre a natureza e o respeito às diferenças”.

Além do impacto cênico, o projeto reforça seu compromisso com educação ambiental ao distribuir kits de sementes de árvores nativas ao público após as sessões, incentivando o senso de responsabilidade e pertencimento ecológico. “Esse espetáculo funciona como um ‘rito de passagem’ esteticamente surpreendente e politicamente necessário para a formação das crianças”, avalia Fontes. O ator e diretor emenda, comentando sobre os futuros planos da Cia Gente Falante, que mantém um espaço-escola de formação de atores no Centro Histórico. “Queremos seguir produzindo e executando espetáculos cada vez mais híbridos, focando em temas de gênero, inter-raciais, questões voltadas à natureza e sustentabilidade; e na linguagem moderna do teatro de objetos, além do teatro de bonecos e teatro sombras”, resume.

MAURÍCIO CASIRAGHI/DIVULGAÇÃO/JC